



GT 02. Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Coordenador(es):

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e intersecções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

Entre Caboclos de pena e os encantos do meio-dia: notas sobre territórios cosmológicos entre indígenas Kalankó no Alto Sertão alagoano e os Munduruku no Planalto Santareno, Baixo Amazonas, Pará.

Autoria: José Moisés de Oliveira Silva (SEDUC-PA), Katiane Silva

Diante de uma caminhada de works de campo no Nordeste Semiárido, especificamente entre os grupos rama de Pankararu no Alto Sertão de Alagoas, como é o caso dos Kalankó, e o campo amazônico, junto aos Munduruku no Planalto Santareno, na região do Baixo Amazonas, propomos o presente diálogo. Desde a Caatinga Nordestina à Floresta Amazônica, encontramos estes grupos que possuem fortes vínculos com seus biomas, vínculos existenciais, com terminologias cosmológicas de fundamentação etnobotânicas. Estes territórios do ser e saber, operam as forças que impactam a realidade concreta, desde o território do Juremá, aos encantos de rios e florestas, compõem o complexo cosmológico onde habitam os encantados inerentes a determinados cultos de origem indígena e afrodescendente, entre eles o “tronco” e a “rama” Pankararu. Neste sentido, a resignificação do termo caboclo, categoria classificatória polifônica, que pode ser observada como a representação do “homem simples” no sertão Nordestino e do “homem simples” nos seringais do Norte, também passou por um processo de resignificação pelos grupos indígenas e tradicionais. Durante determinado momento histórico tratou-se de uma categoria conceitual imposta, foi traduzido e passou a ser utilizado por alguns dos sujeitos, assim categorizados, de modo a interligar variados processos históricos e cosmológicos, que vão da identidade nacional às identidades étnicas que legitimam os territórios geográficos, por seus usos e costumes. Esses contextos apontam para uma semelhança de elementos históricos, rituais,



sonoros e rítmicos, como, por exemplo, dos Kalankó, a prática de consultar os encantados antes de tomar uma decisão política, e no ato de pedir permissão para entrada na floresta com a finalidade da caça, entre os Munduruku do Planalto. Compreendemos a produção da identidade e a cultura para além da categoria índio de cunho jurídico homogeneizante, assim como o caboclo é entendido enquanto recorte que assemelha, une, mas, não define nem limita a pluralidade étnica. De modo que, entre os Kalankó e os Munduruku as encantarias se manifestam na forma de conhecimento sobre os elementos da natureza, traduzidos em letras de toré e mitos fundantes, aqui representados pelos caboclos de pena e os encantos do meio dia.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: